

# SER CAMINHO QUE **CURA**

DR.<sup>a</sup> CECÍLIA NEVES DE VASCONCELOS

*“Nunca em meus melhores sonhos eu poderia ter sonhado que seria assim.”*

O ano foi 2021. Convido a Dona Célia, em seus 85 anos, para sentar-se à minha frente no consultório, juntamente com sua irmã, Dona Bianca, com 83. Ambas não tiveram filhos. Eram a família uma da outra.

Dona Célia estava com aspecto debilitado. Emagrecida, pálida e astênica. Não sorria. Não conversava. Era econômica nas respostas à anamnese. Sua irmã, ávida para auxiliar, respondia a tudo ativamente e com muita energia, de forma exemplar, evidenciando seu desespero e pedido de ajuda em forma de colaboração na entrevista.

O emagrecimento de 18kg ocorreu havia seis meses, gradativo, com anorexia. Não havia dor, mas mal-estar e indisposição. Tudo da mesma data. Dona Célia não conseguia mais realizar seus afazeres de casa, como a limpeza que por anos dividiram as funções. Tomava banho sozinha e se alimentava pouco, por obrigação e para tranquilizar sua irmã.

À inspeção minuciosa, observei roupas largas, peles em sobra e olhar baixo, evitando o confronto do seu com o meu. Ela não estava se sentindo bem. Além do emagrecimento visível, da palidez de pele e mucosas e da tristeza do espírito, o exame físico não mais trouxe informações.

Solicitei o hemograma para ver esta anemia mais de perto e poder ampliar meu raciocínio do motivo da síndrome consumptiva, além de outros exames de laboratório. Solicitei que Dona Célia os fizesse de forma breve, para que pudéssemos abreviar seu mal-estar, se soubéssemos o que estava ocorrendo.

Uma semana depois lá estavam as duas. No mesmo perfil. Dona Célia, quieta. Não se esforçava para me ajudar com mais pistas ou sequer me permitir entrar em seu olhar. Já Bianca, sempre robusta e com aspecto de força, disposição, sorrindo para me agradar, me fortalecendo de forma subjetiva e indireta para que pudesse ajudar sua irmã.

O hemograma veio com o esperado. Leucemia. O exame confirmatório seria o de medula óssea, mas a probabilidade clínica era muito alta.

Respirei fundo. Olhei dentro dos olhos de Célia e, com calma e tranquilidade e muito respeito, o que aprendi com o grande hematologista Ivo Ronchi Júnior, contei a hipótese diagnóstica de leucemia. Peguei em sua mão.

Nós médicos temos técnicas de comunicação para situações difíceis. Eu as conheço. Nesta técnica e rotina, fornecemos o diagnóstico e, ao mesmo tempo, finalizamos com a expectativa e perspectiva de tratamento. Assim, o negativo não é evidenciado e o plano ou projeto de tratamento, que é o positivo, suplantam o negativo na forma mental.

Minha ânsia era explicar todo o positivo: quantas quimioterapias seriam, que o mal-estar do tratamento não é como nos anos de 1950, que o bem-estar logo chegaria, e muitos outros argumentos.

Pela primeira vez eu tive o olhar da Dona Célia comigo. Olhos nos olhos. Profundidade sem igual. Ela não se emocionou. Não demonstrou medo algum. Pareceu inclusive que não ouviu sequer o que eu tinha falado de como seria o caminho do tratamento. E a surpresa: diferente de antes, destrambelhou a falar.

Empostou a voz e me disse: “Doutora, há seis meses eu sei que tenho câncer. Eu sinto isso. Eu sempre soube. Há seis meses eu sonho todas as noites em cenas mais diversas de como seria me dada esta notícia. Sonhei de tudo o que você pode imaginar. Mas nunca, nunca nos meus melhores sonhos, eu poderia imaginar que seria da forma como foi aqui e agora.”

Ela sorriu. Chorou de alegria. Estava aliviada. O seu medo era da forma como seria abordada e não da doença, pois esta já tinha sido elaborada.

O que acreditamos ser importante para nós, médicos, muitas vezes é diferente do que é importante para o paciente. Acertamos sem querer, em algumas vezes. O respeito e a humanidade direcionam para sermos “Caminho de Cura”. **❶**



Inge Löök